

PROCESSO CIVILIZADOR E A VIOLÊNCIA NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

Valdejane de Queiroz Nogueira¹
Geovani Jacó de Freitas²

RESUMO

O presente artigo intitulado, a violência na sociedade contemporânea, tem como objetivo refletir sobre os elementos que tensionam o tecido social e por ventura contribuem para a constituição de manifestações violentas contemporaneidade. A violência é um problema social que afeta de diferentes maneiras a sociedade contemporânea e se apresenta cada vez mais recorrente. Diante a essa realidade se faz necessário refletir, não apenas sobre a violência em si, mas também sobre os elementos emocionais que estão ligados a ela. Este artigo se ancora no processo civilizador de Norbert Elias para quem o aumento do controle das emoções é um processo não linear e permeado por tensões, e que tem relação com a institucionalidade de regras que restringem as formas de comportamento adequadas, e que direcionam, de forma auto coercitiva, as pulsões e emoções.

Palavras-chave: Violência, Processo Civilizador, Sociologia das emoções.

INTRODUÇÃO

Neste artigo apresenta-se uma reflexão sobre o problema da violência na teoria do processo civilizador de Norbert Elias. Busca-se com essa reflexão compreender o fenômeno da violência na sociedade contemporânea. A proposta do tema surgiu a partir de indagações pessoais como professora da rede municipal de ensino, onde minha vasta experiência, composta de forma predominante por uma atuação no “chão da escola”, fez com que presenciasse inúmeras cenas de violência.

A violência é um problema social que afeta de diferentes maneiras a sociedade contemporânea e que vem em constante evolução ao longo dos últimos anos. Assim, há

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Sociologia; Especialista em Educação nos Anos Iniciais. E-mail: valdejanequeiroz@gmail.com

² Professor orientador: Geovani Jacó de Freitas, Doutorado em Sociologia; Professor Adjunto da Universidade Estadual do Ceará - Ceará E-mail gil.jaco@uece.br.

necessidade de se analisar não apenas as manifestações de violência na sociedade, contudo é de primordial importância abordar os elementos que são responsáveis por estabelecer os gatilhos que ativam os eventos violentos dentro do processo civilizador.

De acordo com Weber (2020), os conflitos sociais surgem quando há uma disputa por interesses legítimos diante dos envolvidos, interesses esses que estão ligados ao poder, que se distribui de maneira desigual na sociedade. Ninguém pode fugir dos conflitos, pois eles são a oportunidade de crescimento e de fortalecimento coletivo. Sendo assim os conflitos são elementos estruturantes da sociedade e a ela inerente, conforme a análise de Simmel (2010), para quem, a existência de uma sociedade sem conflitos é uma hipótese nula.

Nesta perspectiva, a violência é um dos elementos organizadores da vida social, destarte conforme definido por Weber (2020), o conflito deve ser considerado como fundamental para o processo de estruturação das relações sociais. A violência gera o medo, mas este gera igualmente violência. Segundo Koury (2018) o medo é uma força organizadora importante na sociabilidade e é uma construção social significativa que tem influência nos processos de sociabilidades.

Segundo dados do IPEA/2022³ em 2021, 47.847 pessoas foram vítimas de violência no Brasil. Violência essa que chega todos os dias, através da mídia, notícias dos diversos tipos de agressões vivenciados por aqueles que compõem a sociedade brasileira e em âmbito internacional. Manifestando-se de várias formas, a violência pode ocorrer de forma doméstica, policial, religiosa, criminal, simbólica, nas ruas, no trânsito, nas escolas e no campo. Podendo ter como alvo jovens, crianças, mulheres, idosos, portadores de necessidades especiais, afrodescendentes, homossexuais entre outras pessoas. Entretanto, essas manifestações de violência, atravessam as relações de poder dentro do espaço organizacional, apresentando-se de forma implícita nos processos de socialização. É importante ressaltar, que a violência não reflete no tecido social de forma uniforme, pois grupos como os indígenas, negros e mulheres são mais afetados, devido a questões que histórico-sociais que são atravessadas por temas como a colonialidade, o passado escravista e o patriarcado.

Durante todo o século XIX e XX, de acordo com Cesarino (2012) os conceitos e dualidades permearam a produção científica sociológica, debates sobre estruturalismo e pós-estruturalismo no que concerne a relação entre o indivíduo e a sociedade, ou outras

³ Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, dados estatísticos relacionado ao ano de 2022.

estruturas sociais. A ideia de *habitus* mesmo que indiretamente esteve ligada a esse contexto. Segundo Bourdieu (1989) *habitus* está diretamente ligado a classe ou posição social, sendo que esta não seria fruto somente do capital econômico, mas também do capital social e cultural, definindo assim classe ou *habitus*. Bourdieu compreende o poder como um campo de forças, onde diferentes formas de controle e tipos de capital se confrontam em uma luta pelo poder.

Segundo Norbert Elias (1994) a sociedade é fruto de um processo social que se apresenta em constante desenvolvimento, enfoca que o corpo social se constitui como um dos elementos essenciais de uma estrutura organizacional cuja as atuações exteriorizam-se de diversas formas, como os inter-relacionamentos e entrelaçamentos sociais em que se permitem agrupar - igreja, escola, família, clubes sociais, partidos políticos e entre outros - em um único estudo e que esta jamais poderá agir individualmente.

De acordo com Elias em “O processo Civilizador”, compreender o controle da violência apresenta-se como uma das maiores preocupações na teoria do processo civilizador. Em sua obra o autor faz uma análise contextual sobre as relações de poder, controle social e individual e violência, destaca a necessidade dos indivíduos de se moldarem a um novo padrão de comportamento social, através de manuais de etiquetas, códigos e tratados de conduta, baseado na vergonha nojo e autocontrole. A base da teoria *elisiana* é de que a mudança histórica na direção da civilização ocorreu de forma abrupta, e o controle exercido por terceiros promoveu um polimento das ações humanas e foi gradualmente excluindo as atividades animais da vida social. Para Elias a sociedade é uma grande teia interligada por intermédio dos sentimentos, decisões, ações, atitudes e relações que vão se moldando em respostas a processos que permeiam o desenvolvimento social.

Portanto, o artigo tem como objetivo refletir sobre quais as contribuições provenientes dos estudos acerca do processo civilizador podem contribuir para a compreensão das manifestações de violência na sociedade contemporânea. Inicialmente abordaremos o conceito de Violência, posteriormente discorreremos sobre o processo civilizador na perspectiva do gerenciamento das funções corporais e o autocontrole por parte dos indivíduos. É importante ressaltar que o presente artigo é um debate teórico/bibliográfico de autores que iremos utilizar posteriormente na continuidade do curso de mestrado que estamos concluindo. A pesquisa em sua integralidade buscará abordar como as relações sociais em escolas municipais de Fortaleza-ce podem estar permeadas de micro e macro violências. Além de refletir sobre as estratégias, aplicadas

pela Secretaria Municipal de Educação (SME), que tentam enraizar a *cultura de paz* no ambiente escolar.

METODOLOGIA

Este artigo utilizou-se de uma abordagem qualitativa, com foco teórico e exploratório, fundamentando-se na análise bibliográfica para discutir a violência na sociedade contemporânea e seu entrelaçamento com o processo civilizador, conforme a teoria de Norbert Elias. A metodologia baseou-se na revisão crítica de literatura especializada em sociologia das emoções, violência e controle social, reunindo autores como Elias, Weber, Bourdieu, e Arendt. Essa escolha permitiu a construção de um referencial teórico robusto para analisar a manifestação e regulação da violência em diferentes contextos sociais e históricos.

Foram selecionados textos acadêmicos relevantes, livros e artigos científicos publicados em revistas especializadas. As referências incluem obras fundamentais de Elias, como *O Processo Civilizador*, além de estudos complementares que discutem o habitus (Bourdieu) e os conflitos sociais (Simmel e Weber). A coleta dos dados secundários foi realizada por meio de fontes digitais, como repositórios acadêmicos e relatórios públicos (ex.: IPEA). Esses dados contribuíram para uma análise contextual sobre como o controle das emoções e a violência se articulam nas dinâmicas sociais. As técnicas empregadas envolveram a leitura e interpretação crítica de textos, associada à análise documental. Foi realizada uma triangulação teórica para assegurar a validade dos argumentos, comparando diferentes abordagens sociológicas. A análise foi direcionada a identificar padrões de comportamento e autocontrole associados ao processo civilizador, além de refletir sobre as formas contemporâneas de violência e sua regulação institucional.

REFERENCIAL TEÓRICO

Norbert Elias nasceu na cidade de Breslau em 22 de junho de 1897. Hoje a cidade pertence à Polônia e se chama Wroclaw, mas durante muito tempo pertencia à Alemanha. Filho único de uma família judia-alemã de classe média, Elias cresceu em meio aos livros, tendo começado a ler muito cedo, mergulhava em todo o tipo de livro. Nessa época eu também devia ter seis ou sete anos” (ELIAS, 1994, p. 11). Seu pai era do ramo têxtil e

tinha uma empresa que empregava, na época do seu nascimento, em torno de trinta pessoas. Sua mãe era dona de casa, encarregando-se de gerir a casa e os compromissos sociais do casal. Mais tarde, na época nazista, seus pais foram perseguidos e seu pai morreu em 1940 e, logo depois, sua mãe desapareceu em Auschwitz. Elias foi filho único e nunca se casou ou teve filhos.

Elias se considera um sociólogo, defende o conceito de configuração social que nada mais é que uma rede de interdependência entre pessoas e grupos. O modelo de análise sociológica de Elias nos permite visualizar de maneira interdisciplinar os processos sociais, valorizar a observação dos fenômenos sociais e fatos numa perspectiva histórica. De modo geral, o autor trabalha com documentação histórica ligada à instituição de normas e padrões de comportamento. Elias, demonstra dificuldade em conceituar civilização, procura resumi-la de várias maneiras, refere-se a ela como uma grande variedade de fatos: ao nível da tecnologia, ao tipo de maneiras, ao desenvolvimento dos e conhecimentos científicos, às ideias religiosas e aos costumes.

O autor também se refere ao tipo de habitações ou à maneira como homens e mulheres vivem juntos, a forma de punição determinada pelo sistema judiciário ou ainda ao modo como são preparados os alimentos. Entretanto diante dos múltiplos conceitos, a expressão que representa de forma compreensível a civilização de acordo com Elias é:

se examinamos o que realmente constitui a função geral do conceito de civilização, e que qualidade comum leva todas essas várias atitudes e atividades humanas a serem descritas como civilizadas, partimos de uma descoberta muito simples: este conceito expressa a consciência que o ocidente tem de si mesmo. Poderíamos até dizer: a consciência nacional. Ele resume tudo em que a sociedade ocidental dos últimos dois ou três séculos se julga superior a sociedades mais antigas ou a sociedades contemporâneas "mais primitivas". Com essa palavra, a sociedade ocidental procura descrever a que lhe constitui a caráter especial e aquilo de que se orgulha: o nível de sua tecnologia, a natureza de suas maneiras, o desenvolvimento de sua cultura científica ou visão do mundo, e muito mais. (Elias, 1994, p.23)

Elias relata o processo civilizador em dois volumes, o primeiro nos leva a refletir acerca da “sociogênese” define “cultura” e “civilização”, neste mesmo volume o autor relata a transformação do comportamento europeu medieval, mediante as atitudes menos “emocionais” e mais “polidas” principalmente nos espaços de interação social. No que se refere às “mudanças de agressividade” o autor aponta que a liberação das emoções em batalha durante a Idade Média não era, talvez, tão desinibida como no período anterior

das Grandes Migrações. E só em épocas de sublevação social ou quando o controle social é mais frouxo (como, por exemplo, em regiões coloniais) elas se manifestam mais direta e livremente, menos controladas pela vergonha e a repugnância. (Elias, 1994, p.191)

Essas mudanças relatadas por Elias só são possíveis, quando as funções sociais se tornam mais diferenciadas devido à competição. Quanto mais as funções se diferenciam, mais as pessoas dependem umas das outras, sendo necessário ajustar o seu comportamento. Isso acontece de forma inconsciente, à medida que as relações se tornam uniformes e estáveis. Ao passo que se tornam mais complexas, o esforço para se comportar corretamente aumenta, levando o indivíduo a uma atuação automática.

Para Elias (1994), é a partir da relação de interdependência entre indivíduo e sociedade, que ocorre a fomentação do habitus. Portanto, o habitus é a estruturação social dos indivíduos que influencia suas características pessoais, a linguagem compartilhada é um exemplo de uma interação social mobilizada pelo habitus. A investigação a respeito do surgimento do habitus comum aos indivíduos da sociedade moderna e contemporânea é desenvolvida tendo como parâmetro os grupos humanos do continente europeu. É importante frisar que práticas como o colonialismo e o posterior imperialismo fizeram com que o modelo social europeu fosse imposto a outras regiões no globo, fazendo com que o habitus vivenciado pelos europeus ganhasse título de universal.

Para Norbert Elias (1994), as ações humanas foram tensionadas a se polirem ao longo do que o autor denomina de processo civilizador. Ao analisar as regras de etiqueta presente em códigos de conduta, como os produzidos por Erasmo de Rotterdam, Elias demonstra como - dentre outras coisas - a introdução do garfo na baixa idade média europeia fez parte de um longo processo de transformações de pequenos hábitos, que tem um forte impacto em nossas relações cotidianas.

De maneira geral o processo civilizador é caracterizado pela mudança nos padrões de comportamento, em virtude das relações sociais, da força do Estado monopolizador da violência legítima, do autocontrole consciente e inconsciente, desta forma a violência física veio a se excluir, mas não de forma completa. Segundo Elias (1994), a violência permaneceu dentro dos indivíduos e os levou aos mais variados questionamentos marcados pela insensibilidade e desejos variados. Aspectos que para o autor são frutos da repressão dessa violência. De forma que não existe mais pacificidade na vida, em virtude da pressão existente na sociedade, entre os indivíduos como podemos observar logo abaixo:

Até a época em que o controle dos instrumentos de violência física — armas e tropas — passou a ser altamente centralizado, as tensões sociais explodiam repetidamente em ações belicosas. Determinados grupos sociais, comunidades de artesãos e seus senhores feudais, cidades e cavaleiros, enfrentavam-se como centros de poder que — o que só Estados fariam mais tarde — teriam que sempre estar dispostos a resolver pela força das armas suas divergências de interesses. Os temores despertados nessa estrutura de tensões sociais ainda podiam ser liberados fácil e frequentemente pela ação militar e pela força física direta. Com a gradual consolidação dos monopólios de poder e a crescente interdependência funcional entre nobreza e burguesia, tudo isso mudou. As tensões se abrandaram. Só em raras ocasiões eram resolvidas pela violência física. Por isso mesmo, manifestavam-se segundo uma pressão constante, que cada membro individual da nobreza teria que absorver pessoalmente. Com essa transformação nos relacionamentos, os temores sociais deixaram de parecer chamas que rebentam de repente, ardem com intensidade e logo se extinguem, mas apenas para ressurgirem com a mesma rapidez, tornando-se, em vez disso, uma espécie de fogo de monturo, cujas chamas não se vêem e raramente irrompem à vista de todos. (ELIAS, 1994, p.233)

As sociedades construíram ferramentas de controle dessa violência, contraditoriamente as estruturas de repressão são responsáveis por acentuar a violência. Considerando-se as artimanhas criadas para atenuar a violência, podemos citar o desenvolvimento dos esportes modernos, que para Norbert Elias e Eric Dunning (1992) seriam espaços artificialmente engendrados para que ações humanas promovidas por paixões, que o polimento social tendeu a reprimir, sejam externadas. (DUNNING, ELIAS, 1992). Analisando a violência dentro do contexto histórico de longa duração, podemos afirmar que com o intuito de pacificar as relações humanas a civilização procura cada vez mais controlar a violência física. Contudo esse movimento é um fenômeno imprevisível, fruto de um processo que não podemos datar e muito menos prever um ponto final. (SIMÕES, 2013, p.2).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados obtidos a partir da revisão teórica revelam que o autocontrole e a regulação das emoções são aspectos centrais para a compreensão do processo civilizador e das manifestações de violência na sociedade contemporânea. De acordo com Norbert Elias, o processo civilizador consiste na internalização gradual de normas sociais que

orientam os indivíduos para um comportamento mais regulado e menos violento, substituindo a coerção física por formas de autocontrole. A análise da literatura demonstrou que esse processo não é linear e está sujeito a avanços e retrocessos, dependendo das condições sociais e políticas em que se encontram os sujeitos.

O controle das emoções e a regulação dos comportamentos são, assim, fundamentais para a construção de uma convivência social mais pacífica. Contudo, os dados também sugerem que o autocontrole imposto pelas normas sociais não é distribuído de forma uniforme entre os indivíduos.

Categoria	Percentual de Vítimas (%)
Jovens (15-29 anos)	55%
Afrodescendentes	62%
Mulheres	28%
LGBTQI+	15%

Fonte: IPEA (2022)

A violência continua a se manifestar de maneira acentuada em grupos historicamente marginalizados, como afrodescendentes e jovens das periferias, indicando que as formas simbólicas e institucionais de violência permanecem arraigadas nas estruturas sociais.

Portanto, os resultados indicam que o processo civilizador não elimina totalmente a violência, mas a transforma, direcionando-a para formas mais sutis, como o autocontrole das emoções e a violência simbólica. Esse fenômeno é evidente em situações em que grupos vulneráveis são submetidos a discriminações sociais e institucionais, perpetuando desigualdades. A regulação das emoções, embora essencial para a convivência coletiva, também funciona como um mecanismo de controle que pode reforçar desigualdades estruturais. Assim, compreender as dinâmicas entre controle social, violência e autocontrole é essencial para pensar políticas públicas eficazes e inclusivas que reduzam não apenas a violência explícita, mas também as formas simbólicas e institucionais de opressão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscou-se nesse artigo refletir teoricamente a respeito das contribuições sociológicas para a compreensão das manifestações de violência na sociedade contemporânea, para tal trabalho procurou-se ancorar o processo civilizador e as manifestações de violência. Na busca dessa compreensão, discorreremos quais elementos dentro do processo de socialização estão ligados às manifestações de violência.

A violência no contexto do processo de civilização apresentado por Norbert Elias pode ser simplificada se entendermos a violência, explicitada em qualquer tipo de atitude violenta contra outro ser humano, como um dos impulsos que compõem o padrão de comportamento do homem em sua respectiva sociedade. Dessa forma, teremos, segundo Elias, por um lado, “uma clara diminuição das compulsões originadas diretamente na ameaça do uso das armas e da força física” e, por outro lado, um gradual aumento “das formas de dependência que levam à regulação” dos controles, especialmente sob a forma de autocontrole (Elias, 1994, p. 185).

A relação entre violência e civilização pode ser analisada sob o aspecto intraestatal ou interestatal. Quando analisamos a relação entre civilização e violência no âmbito interestatal, ou seja, no âmbito do relacionamento entre os Estados nacionais constituídos, a ideia das guerras, grandes e pequenas, nos vêm imediatamente ao pensamento. Com base no que foi abordado ao longo deste esforço de revisão literária podemos concluir que o conceito de habitus aparece de maneira indireta na análise de Elias, destacando a influência dos indivíduos sobre os outros dentro do contexto histórico social. Bourdieu analisa de forma materialista e dando ênfase a condição do indivíduo que é preponderante na moldagem do seu habitus.

Não podemos nos esquecer de que, para Elias, o processo de civilização, que ocorre em longa duração, sem direção definida a priori, não teleológico, pode sofrer retrocessos, estando sempre em perigo. Isto significa que “a pacificação é algo construído a cada instante, uma tarefa e um desafio permanentes”. Se um determinado grupo social internalizou de tal maneira o autocontrole em seus indivíduos, fazendo com que isso resulte em um elevado nível de controle da violência no trato dos seus conflitos internos, temos uma situação em que a tarefa de controlar a violência torna-se facilitada, “mas de modo algum resolvida”, visto que ela “não se resolve jamais” (Elias, 1994, p. 161-7).

Destarte para compreendermos a violência é necessário entender os aspectos originais que tangem o mundo contemporâneo, pois a forte escalada de violência entra em contraste com a evolução das estruturas de repressão criadas ao longo do tempo para reprimir a violência. É preciso frisar de forma veemente que a violência não ocorre de forma genérica, pois enquanto determinados grupos promovem o controle das forças coercitivas, outros são alvos da ausência ou violência exacerbada do estado, que em tese deveria garantir suas liberdades individuais e seus direitos sociais.

REFERÊNCIAS

ARENDDT, Hannah; **Da Violência**. trad. André Macedo Duarte; 7ª edição; Rio de Janeiro; ed. Civilização Brasileira; 2016.

Disponível:https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4196764/mod_resource/content/1/ULA%209%20-%20O%20-%20Arendt%20-%20Sobre%20a%20violencia.pdf Acesso em: 10 de fev. 2024

BOURDIEU, Pierre. O poder Simbólico; Memória e Sociedade; 1ª ed.; Ed. Bertrand Brasil S.A; 1989. Disponível: [https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/988/o/BOURDIEU_Pierre._O_Poder_Simb%C3%B3lico_\(2\).pdf](https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/988/o/BOURDIEU_Pierre._O_Poder_Simb%C3%B3lico_(2).pdf) Acesso em: 02 de fev.2024

CESARINO, Nicolau Frederico. **O pensamento Sociológico do século XX: as sociologias de Talcott Parsons, Norbert Elias e Erving Goffman**. Pós - Revista Brasiliense de Pós-Graduação em Ciências Sociais; vol. 11. Ed.2012. Disponível:<https://periodicos.unb.br/index.php/revistapos/article/view/19593/18115> Acesso em: 01 de fev.2024

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos Indivíduos**, trad. Vera Ribeiro; ed. Jorge Zahar; Rio de Janeiro; 1994. Disponível: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4040999/mod_resource/content/6/A%20Sociedade%20Dos%20Individuos%20-%20Norbert%20Elias%20%281994%29.pdf Acesso em: 30 de jan.2024

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**, Vol.1: uma história de costumes; trad. Versão inglesa: Ruy Jungmann; revisão, apresentação e notas Renato Janine Ribeiro.

Rio de Janeiro; ed. Jorge Zahar; 1994; 2ª edição. Disponível:

https://institucional.ufrj.br/portalcpsda/files/2018/09/ELIAS_Norbert._O_processo_civilizador_volume_1.pdf Acesso em: 30 de jan.2024

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**, Vol. 2: formação do Estado e civilização; trad. Versão inglesa: Ruy Jungmann; revisão, apresentação e notas Renato Janine Ribeiro. Rio de Janeiro; ed. Jorge Zahar; 1994.; 2ª edição. Disponível:

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4410627/mod_resource/content/0/Norbert%20Elias-O%20Processo%20Civilizador%20-%20Vol.%2002%20-%20formac%CC%A7a%CC%83o%20do%20Estado%20e%20Civilizac%CC%A7a%CC%83o-Zahar%20%282011%29.pdf Acesso em: 30 de jan.2024

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Algés: DIFEL, 1992.

Disponível:https://www.academia.edu/4894091/A_busca_da_excita%C3%A7%C3%A3o_norbert_elias_e_eric_dunning > Acesso em: 20 de fev.2024

IPEA – **Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada**. IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística; Brasília; Atlas da Violência,2023; Disponível:

<https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/> > acesso em: 10 de fev.2024

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. **Medos corriqueiros em busca de uma aproximação metodológica**. Revista Cronos, v. 3, n. 1, p. 94 -101, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/cronos/article/view/14257/pdf> > acesso em: 20 de fev.2024

MODENA, Regina. **Conceitos e formas de Violência**; Caixas do Sul- RS; 2ª edição; Ed. Educ; 2016; Disponível em: https://www.ucs.br/site/midia/arquivos/ebook-conceitos-formas_2.pdf > Acesso em:15 de fev. 2024

QUEIROGA, Fernando Leonel; PAOLUCCI, Beatriz, Aparecida. **Revisitando os Clássicos: as contribuições de Karl Marx, Max Weber, Émile Durkheim para a sociologia da Educação**. Educação por escrito, Porto Alegre, vol. 11, n.1, p. 1-12, jan.-jun. 2020. Universidade Estadual de Goiás; Anápolis; Disponível: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/poescrito/article/view/34614/19750> > acesso em: 10 de fev.2024

SIMMEL, George. **El conflicto. Sociologia del antagonismo**. (traducción de Javier

Eraso Ceballos). Madrid; Sequitur, 2010) Disponível:
https://www.academia.edu/45290221/Georg_Simmel_El_conflicto_en_Sociolog%C3%ADa_del_antagonismo > acesso em: 01 de fev. 2024

SIMÕES, José Luís, **Processo Civilizador, Interdisciplinar e Controle da Violência;**
Universidade Metodista de Piracicaba/ CNQP; 2013
Disponível: <https://www.uel.br/grupoestudo/processoscivilizadores/portugues/sitesana%20is/anais7/Trabalhos/Processo%20Civilizador%20Controle%20da%20Violencia.pdf> >
Acesso em: 18 de fev. 2024